

CARROSSEL

Livro 41

Escritos do eu

Roberto Curi Hallal



© 2018 Roberto Curi Hallal

Produção Editorial
Gilberto Strunck

Capa
Dia Comunicação

Produção gráfica
Dia Comunicação



ABRIGO

Abrigo uma secreta surpresa quando o prazer começa a falar com o que tenho de melhor e de pior. Condenado o prazer a um único fim, se une ao amor e ao ódio revestindo a ambos da celebração, obras singulares. Ele é capaz de realizar sob tão opostos disfarces agradando à intenção de uso. O prazer dá prazer reunindo e afastando.



URGÊNCIAS VITAIS

Preciso dessa dimensão para sonhar algum sonho que me devolva carinhos loucos, desaforados, transgressores, cansados de fingir-se de mortos. Preciso desta consistência para trazer de volta à vida estas urgências vitais que se recusam a morrer.

PREDOMINÂNCIA

Uma descomunal predominância das máquinas me vence todos os dias. Cada vez que exalto a busca do amor ocultado nas artes, me convenço que escondemos algo fundamental e muito especial para um momento em que estando mais evoluídos possamos desfrutar destas competências.



NEUTRALIDADE

Invento uma neutralidade provisória destinada a disfarçar ofensas. Um trabalho de remendos exclusivos, inertes, cria versões secundárias dos piores insultos.

CARROSEL

Não param de jorrar imaginações que me atiram nos braços de um carrossel, no giro de uma roda gigante e no relógio que me desperta enraizado na manhã vedada aos sonhos.



MEMÓRIAS E SOMBRAS

Memórias fáceis de datar competem com zonas de sombra desafiando-me, variáveis que interrogam com tanta força! Clamam por soluções, por interpretações, por traduções.

RENOVAÇÕES

Essa sensação de alegria que se apossa de mim à medida que não cesso de querer viver com infinitas vontades. Sou compelido a ressurgir extraindo a essência do ar que respiro para me lembrar de que aqui estou sujeito a tentadores riscos me propondo renovações da vida. Doravante confirmadas.



IMAGINAÇÃO

O silêncio se posta como uma contrapartida do texto, ele junta os detritos, deixa quietas as feridas, cobre a dor. É quase lúdico em sua quietude protegendo a vantagem de ser quase somente imaginação.

VIAGEM UTÓPICA

Ora sofro influencias da realidade, ora da ficção. Com a pretensão de viver transferi-me para um lugar qualquer neste mundo onde cabia o jogo de conveniências que permite ir mais longe e por mais tempo, uma viagem utópica.



IMITAM VERDADES

Crio ilusões de mudanças, visto disfarces, narro o sonho de cada um, dou o fim que cada um quer ouvir, esqueço os trechos avessos ao prazer, dou acesso aos mistérios, invento finais felizes, um desfile de levandades que imitam as verdades.

ADIÇÃO DE CENAS

Tenho diante dos olhos uma adição de cenas desordenando a cronologia sem que eu tenha nada a dizer, elas são portadoras de umas aparências que não vivi, tento redescobrir se são uma fabulação, simples artifícios, denúncias disfarçadas ou alguns desejos brincalhões.



DIVISOR DO TEMPO

Divisor do tempo e regulador de espaços, remonto ecos, restauro asas, sou confessor de anjos, restauro velas e candelabros, e peças de teatro, fixo de maneira quase definitiva o caminho dos desmemoriados, costuro roupas exóticas, controlo ventos e nuvens. Cresci brincando.

PLAGIO

Plagio uma astúcia para repor em circulação um saber que me escapa. A glória de haver-te conhecido me fez um inventor hábil no engano. No uso das palavras sou mais sequestrador que condutor da alma.



MEDITO

Medito, anseio calma, não estou no controle das regras, passo discreto sem fazer barulho, passo pelo mundo que me rodeia, pouco importa se levo tesouros ou imensas tristezas.

NENHUM VESTÍGIO

Meus sentimentos não deixam nenhum vestígio de que estejam livres de esperas. Desta forma, está fora de cogitação usá-los para qualquer afobada narrativa. Os meus interesses não são meramente os discursos, falo, mesmo sabendo de antemão que caminho para a aceitação de que os meus sentimentos são impronunciáveis.



AQUELES POR QUEM A LUA DANÇA

Aqueles por quem a lua dança se precipitam no vazio tentando alcançá-la. A terra os deixa partir em direção as novas verdades. Tentarão ajustá-las a si próprios, realizados em sua vontade de exílio como aqueles que se realizam em terras outras.

SUBORDINADO

Subordinado nos braços da cadeira repouso, fabrico um tempo estendido. Acumulo monólogos imito os solitários. Cato palavras reencontradas ao acaso, sustentando precipitados reconhecimentos, ordenando paciências duradouras, orações sem ponto final.



ENCANTAMENTOS

Esses meus encantamentos são temáticas de passagem. Levam-me em busca de mediadores proféticos, profetas do passado, lugares desejados, buscar livros esgotados, buscar pelas amizades perdidas, pelo poder da metamorfose.

CHUVA NO JUÁ

E a chuva, segue exibida ou escondida? Comparece total ou parcial? Erótica ou inibida? Provocadora ou encharcada? Veio como aviso ou pra ficar? Definitiva ou de visita? Deem-me notícias da chuva, se fez as pazes com o Juá.



PASSO

Invade-me um cheiro de comida da minha mãe, recém feita, uma batata frita cortada por sua mão gentil, um guisado de carne de ovelha picado a faca, um chumaço de salsa e cebolinha recém colhida no canteiro, uma cebola fatiada e o fogo lento no fogão a lenha. O arroz feito na manteiga para acariciar o apetite do meu pai. Passo toda a minha vida com essas existências que se

VENTOS E MOINHOS

Para entender meus moinhos será preciso voar com meus ventos, calar as ofensas, dispor da fome, do fastio, da evacuação e do alívio, dar e receber, acolher o cansaço e o descanso. Para passear por meus moinhos será preciso aceitar minhas inocentes mentiras, minhas falsidades, aprender a explorar as tempestades, os furacões, as calmarias e as covardias que eu nunca soube tolerar. Conviver com todos os exageros que não sabem se comportar.



MAREMOTOS

Maremotos levam notícias das águas invasivas desconformes com seus limites. Insinuem-se passageiros nos batismos, nas torturas por afogamento, no banho de mar dos incautos, nas lágrimas dos abandonados, no peito dos ofendidos, na dor dos injustiçados. Maremotos passeiam, são ondas que vão e voltam, elas sonham com terra firme.

TERREMOTOS

Os terremotos sempre vêm acompanhados dos medos de todos os tipos, medos cegos, inventados, doidos, doídos. Medos que entram na carne e no osso, que encolhem as impressões digitais, que galopam nos pés e sacodem o equilíbrio enquanto a casa geme invadida e surpreendida se transforma em ruínas.



NÃO CONHEÇO À MORTE

Não conheço à morte, algum dia terei de encontrá-la, terei que dizer-lhe que só a conheço de vista pousada no corpo alheio, e mais, que não costumo conversar com desconhecidas. Delicadamente lhe farei ver que nunca frequentei guerras e outros perigos induzidos, que a maior exposição ao perigo foi comer cachorro-quente na rua e nos estádios de futebol. O meu testamento está assinado, minha agenda lotada e nossos interesses distintos, tudo é desencontro. Vou sugerir-lhe que volte

outro dia, que procure outro mais interessado na sua companhia, algum suicida necessitado de assistência. Pedir-lhe-ei paciência, com a minha insistência em seguir vivo, acabar-lhe-ei convencendo que se ela me levar verá o quanto imaturo estou para morrer. Ainda não dispenso atenção exclusiva.



FRAGMENTO

Fragmento o tempo buscando as vantagens da invisibilidade. Fragmento enredos para construir arranjos alternativos onde todos os remendos flutuem ávidos e repousem como um selo de autenticidade.

RENOVO

Renovo, devolvo à vida o ofertado não escolhido. Reabilitado da insalubre acolhida, do abraço vazio, do indisposto, dou novo alento, refaço os trilhos, aprimoro a boa vontade. Quanto aos amores mal amados, mal acolhidos, de segunda mão, depredados, amores de bolso, irreverentes, onipotentes, estreitos, sujeitos à insolvência; esses, repasso-os.



ÚLTIMO RECURSO

O ultimo recurso será por determinação, o anterior foi por conveniência, mais que anterior, por insistência, o anterior do anterior, por resistência. Demito-me contra a vontade, dou lugar ao haja o que houver; e nada houve, espero de boa ou má vontade; e não há vontade, rodo a mercê da corrente; e não há fluxo, resigno-me a não querer; e ainda quero. Não havendo apelo nem agravo; sigo aferrado no aturamento, vou-me deixando ficar.

INVENTO RESPOSTAS

Já ninguém responde nada! Mudo a entonação, disserto o silêncio, a fala que endereça, falo com as casas, com os botões, falo sozinho, prego no espelho, entredigo palavras ao vento, não converso mais com altares, falo a traços largos, desfio pequenas histórias, quase fábulas, versifico racontos, recitas, esboços, resenhas, ensaios. Invento interlocutores; nada, ninguém responde.



SEM ALMA

Deixem-me viver sem alma, não quero saber se há outras coisas mais, não me digam que há consciência, deixem como está, não me falem mais, quero viver assim nomás. Sem essa tua palavra, sem essa atenção, posso seguir sem ver, sem saber, sem escutar. Contigo aprendi a calar, a fazer de conta que não há nada, de que não há história para guardar, que não há nada importante para contar, nada, nada que valha, e na falta do que, melhor esquecer, ou nem lembrar.

ETC.

Sinto falta de eteceteras. Sonho com o etc. que me rouba o sossego, com eteceteras de todos os tipos, eteceteras usados, virgens, conservadores, descontentes, abandonados, resignados, espantosamente lindos, vulneráveis, atraentes, nocivos, infernais, quentes, atrozes, tenebrosos, contentes, molhados, banhados, de encher os olhos, animados, prontos para serem comoventes, aqueles eteceteras que me deixam vivendo de saudades.



MAUS BOCADOS

Pouco me importa ser movido por um indiferentismo. Acabado o alento, aposento o alvoroço, aturo com paciência a fuga dos ânimos, o retorno das incômodas prudências, as mansas impotências, a irritável noite sem sobressaltos, o inodoro limbo. A ausência de riscos, o padecimento da falta de novidades. O descontentamento pelo previsível, a aflição hoje recaída na mesmice, passa maus bocados com a falta de pecados.

COMPASSO DE ESPERA

Mantenho-me em compasso de espera. Manejo a dose recomendada, bestifico-me todo, propositadamente inadequado, finjo aceitar o mal guiado, favoreço a falsidade. Com ventos contrários, faço crer que sou cúmplice, me aglomero como represália, revido, alimento a fragilidade, arreio a bandeira, ganho a ocasião para fraudar todas más intenções.



FALTA DE APOIO

Deportadas, minhas fantasias estão reduzidas. Sem dar garantia às narrativas, vagam no sentido perdido, fogem dos meus serviços, assustadas com a desordem comparam-me a um autor em desuso. Minhas fantasias escapadas dos meus domínios, perdem seu curso natural, sua natureza. Por falta de apoio se desobrigam, por falta de alojamento abandonam-se, desapontadas com as minhas metas transtornadas.

VÃS SEGURANÇAS

Remonto-me à inutilidade daqueles que buscam segurança. Falam e cuidam das ameaças como se pudessem caçá-las, atraí-las, apaziguá-las, consagrá-las úteis.



REFUGO

Refugo a mão que não consola, que carrega um labirinto de procuras em vão, mão que brinca de desgovernar, que nega lugar ao afortunado encontro, mão que atravessa caminhos aprisionada por inutilidades dominada.

Tantas ardentes defesas, ilustram sua atração pelo que temem, se atraem pelo que repelem, trazem-na de volta a cada momento amedrontando, fugindo na sua direção

UM MERO OLHAR

Um mero olhar, desta vez um pouco mais penetrante, desaparece em ti os significados secretos, evoca a razão, chama a primavera eternamente imposta na tua aparência, conta uma impalpável vocação da luta contra o tempo que expressa ecos de passagem, depositário e distribuidor das histórias. O tempo conta os teus fracassos diante do indomesticável corpo que insiste em avançar pelos caminhos que subvertem todos os dias aquilo que queres ocultar.



REVELAÇÕES

Fatos secundários à minha escolha revelam de forma a ultrapassar a minha capacidade de compreender como existem aqueles que toleram a força da dor que lhes atrai e fascina, aqueles que dela são escravos. Eles se comunicam com ela como se dela dependessem, na verdade posso dizer que ela lhes dá sentido para viver,

lhes dá a resposta como se tratasse de um destino autopromovido. A forma serena como a recebem declara, ainda que com certo segredo, que estavam como se a esperassem, como se ela expurgasse todas as culpas, como se fosse a coisa melhor. Vivem seu experimento com encantamento, parece espontâneo o movimento que lhes ordena viver a dor e o sofrimento. Fazem disso uma oportunidade vivida como uma nova obra, como sonhos que se tornam realidades, um renascer segundo seus desejos.



ANIMALIDADE

Evoco a festa que abre caminho para o que somos, para a animalidade que nos move. Essa festa, que reitera a entrada na vida, carrega as mulheres mais lindas, com o sangue quente inspirando as impurezas, oferecendo um salvo-conduto à brevidade do instante, dando à memória fortes motivos para ser lembrada.

CONFISSÃO OMITIDA

Sigo pela noite adentro guiado pelos planos previamente encaminhados, com medo, com a confissão omitida. Sigo sem cumprir a dieta proposta, estaciono minha vontade de fumar na porta da rua, combino com o oxigênio manter o ar livre. Cruzo a madrugada, esperando conhecer o dia seguinte, palestrando pelo sonho que torna suportável tanta escuridão -meus medos recordados se detém numa canção de ninar.



CELEBRO

Celebro a vida e sua participação. Nesse meu momento, uma janela que olha para o mar me conta dos seus tumultos. Minhas palavras dançam, tremulam como as velas que acatam os desassossegados ventos. Minhas palavras são como águas alteradas onerando as ondas que as carregam.

ABUNDANTES OBSÉQUIOS

Nem tudo que tenho falado, faço -a vida não obedece aos ideais. Apesar disso, guardo alguma declaração procedente. Todos os dias, por precaução, anulo o voto, espero sinais de benevolência que não me roubem a paz, que guardem os segredos. Espero uma nova civilização, o dinheiro valendo só o seu valor declarado, espero abundantes obséquios, palavras articuladas, abraços sinceros, compromissos cumpridos, livros úteis, portas abertas, rios cristalinos e alguém que me proponha um assunto de interesse recíproco.



SOU ALGUÉM

Hoje sou alguém que se dá conta de que a aflição fraqueja, que a calma espera passar, que o abandono exclui, que o desespero enraivece, que a morte finda, que o desejo é sempre veemente, que os amores desaparecem, que os danos permanecem, que a memória recria, que a esperança resiste, que a privação mutila, que o calado desaparece, que as notícias inventam verdades. Que a ética escolhe não andar mal acompanhada.

SILÊNCIOS VAZIOS

Meus silêncios feito vazios, guardam as justas proporções, moem desgostos, mergulham quietos em lugares que só os deixam entrar. Atrevem-se a curtir em fogo lento, desunem o que não vale coisa nenhuma, madrugam em vícios incompatíveis com o dia. Esses meus silêncios são como silos, guardam minhas intactas palavras como alimento que se despedem da boca que os lança.



ESSA TRISTEZA

Esta tristeza me ataca de repente. Passeia por fora, por dentro, precipita domínios, invade demasiado, tenta fazer-me da sua maneira, se agarra aos meus versos, se esconde nas minhas desistências. Alimenta um deserto, se apresenta como minha conquista, instala dúvidas e culmina fingindo-se de amável e companheira.

ENTRE O PEITO E A PALAVRA

Enlaçado entre o peito e a palavra, modero meus desejos, é unipessoal a tentativa. Extraio quilates da leitura moderada. Aventuro-me espontaneamente para sair bem, demito a insensatez que se apresenta como necessária. Adapto as regras aos planos. Deporto as dores inúteis. Quero ser a página nova.



A CHAVE DOS TEMPOS

Levo a chave dos tempos -falta-me saber seu uso-, tenho as esperanças avariadas, atônito, decreto-me inundado de dúvidas. Há lições a serem aprendidas -o passo descalço e a dor vestida. Intentos definem o limite transportável-neste litro cabem dois. Mexo a cabeça como um louco, portador de jardins, navego em monossílabos; iludido, acredito dominar horizontes, embora não domine nem meus humores.

ANTIGAS IMPRESSÕES

Ninguém sabe ao certo se falo sério ou se alimento evocações. Reúno as criações, provooco novidades, espalho convocações. Faço esforços, lanço velas, lavro relevos, ramos, relaxo o atrevimento, seleciono as nutrizes, adestro as carências. Continuo para ver se encontro as impressões de outrora.



PENAS ACABADAS

Estão-se acabando as penas. Aceitos os perdões, tornam-se possíveis novas juras, corrigem-se as calúnias, desanimam-se as moendas. Fora de moda, a usurpação e a inveja andam sem rumo. Desalojados os nós, melhor aproveitam-se as meadas. A vida exige continuidade, indica um convite, invoca um patrocínio, acolhe e restaura costuras.

QUE LEMBRANÇAS AS MINHAS

Que caprichosas essas minhas lembranças que alcançam as mais profundas vontades. As que regam o viço, o direito da gratidão para com a fonte. Avançam pela boca e inauguram uma declaração. Recebo nelas o dom e a vida. Essas lembranças me põem o dia no caminho, a aflição que me inquieta, à sombra, põem verão no meu inverno, invertem a calma, rebatem o ritual e o cortejo. Abraçam o indulto, inventam braços para todos os amores, inutilizam o desamparo, agregam a fratura e espalham a fartura. Que caprichosas essas minhas lembranças!



CERTAS PALAVRAS

Tenho a palavra amordaçada, exilada, reduzida à penumbra, a um estado de luto contínuo, desperdiçada em sua originalidade. Fora do contexto, assiste espantada a tanto desuso.

MINHAS SUSPEITAS

Minhas suspeitas não se coadunam com a tua delicadeza. Atrevido assusto e ameaço, me equivoco, pois a quem deveria atingir era àquele que me dirigiu o golpe.



VERDADE MENOS OCULTA

Fazendo-se a verdade menos oculta, ninguém será leiloado. Vale enternecer-se, publicar os princípios, padecer infâmias, saber reagir, repetir o que agrada, distribuir a abundância, promover o perdão. Vale a tentação, a desculpa, a arte, a gula e o apetite, assustar pelo susto, confirmar o medo, opinar o contrário, começar uma briga, mediar a paz, ir até o fim, cessar as causas, pedir e aceitar ajuda. Vale chorar, sofrer o golpe, contradizer dogmas, tocar o espanto, murmurar sem morder, calcular o risco, arriscar, avançar, retroceder, ser inocente, desejar intensamente, vale gozar amando, gozar não amando, gozar sonhando, gozar imaginando. Vale acostumar-se ao agradável para que a vontade valide o exagero.

COMUNICO

Comunico muitas mágoas. Saio de uma e entro em outra, caem as esperanças, descarto castelos, perco todas as saudades. Lembro um céu mais azul e de campos com sementes e de homens que as espalhavam. Lembro-me das despedidas, dos reencontros, dos choros e das alegrias, dos brios e da empolgação, da dor dos espinhos e dos perfumes naturais. Lembro da promessa cumprida e do acolhimento confirmado, da calma protetora e de tudo que era feito pelo prazer de estar.



A ARTE DE ESVAZIAR

Recorro ao juízo crítico que me isenta de palpites, opiniões, de inventar regras que levem o outro a perder. As regras tentam convencer de que é a alienação quem dá as cartas. Uma vez convencido, o todo crê-se incluído, comercializa a instrução e bonifica o falso juramento.

SOBRE UM SOMBRIO FUTURO

Por conta desse cotidiano, não haverá mais aposentadorias tranquilas, nem a imersão nos silêncios, serão automatizadas as ordens, nem os mais lúcidos aceitarão o isolamento sem queixas. Os privilégios da existência sairão mais caros e a escassez abundará. Poderemos dissecar a paciência. Até os encontros mais fúteis terão limites estabelecidos ficando vedada a improvisação e a euforia desmedida. Não serão mais necessárias memórias disponíveis, as lembranças caminharão sós, sem regência e sem contexto. Haverão certezas despossuídas, doçuras singulares, imprevisíveis, aceitadas, a perturbação diversificada entrará minorando importâncias, instalando dispersão de energia e a dissolução nos encontros.

Os afetos caminharão dispersos e confusos, serão diminuídas as fronteiras entre a alegria e o penar, a agonia ensaiará desistências dando sentido à morte, tirando a vontade da vida.

O AMOR É UMA GLORIOSA RENDIÇÃO

Sáímos do abrigo da infância para o gosto de ser adultos com doces gozos, caprichos negociados, vícios disfarçados, chamando as coisas de boas e más segundo o momento e a conveniência.

Amadurecidos, parece que os anjos nos abandonam, não há mais abrigo para o sonho, desembolsamos as últimas esperanças de forma algumas vezes desesperada, auspiciando milagres, vinganças.

A natureza impõe suas lições, joga-nos nessa corrente que nem sempre leva ao mar, nem sempre alivia as penas, nem sempre realiza os sonhos desejados.

Nossos desejos se aproveitam do imprevisto para convencer o coração de que o amor pode brotar. Falseamos para sepultar a censura e fingir encanto. Ofuscados no entendimento nos perdemos achando conveniente chegar logo aos nossos propósitos, para não sermos infelizes. Temendo as falhas, nos valemos de estratégias para evitar despedidas e ataques, ofensas, rendições, providenciamos uma despedida que procure ajudar no término nos livrando do esforço de uma mútua rendição. Toda saída se vê dificultada porque nunca é fácil aceitar a desistência.

Abandonados, sem a proteção do amor que infundiu

um valor ao viver, lutamos por prazos, ajustamos as tolerâncias, mudamos atitudes, tudo em nome do amor.

Como reter o mínimo para seguir-se vivo? Com que ânimo seguir secada a coragem? Sendo contínuo o padecimento da dor de amor, soma-se a ele a solidão que exílio impõe. A vida quase se acaba quando a pessoa amada leva consigo pedaços nossos que lhe foram ofertados.

Quando o amor se inaugura, parece saber ele o lugar da ressonância, fica extensivo, afasta suspeitas, estimula encantos, ali há um tesouro. Ficamos rendidos sem ideia do risco, celebramos a novidade, transformando-a em algo acessível, diário e perene. O amor nos deixa gananciosos, inventa proteções que sugerem um lugar sem perigos. Manifesta impunidade, prega uma segurança que depois não dá. Dá a entender que nele não há prejuízo e que todas as contas serão pagas em dia. Diante dessa suposta proteção, relaxamos nossas precauções. Esta coisa de ter cuidados parece não ser muito importante, bastando algumas pequenas evitações externas. Não se percebe que a memória tardia possa ser privada sem destruir o valor do meio, nem o fracasso do fim.

O amor é uma gloriosa rendição que derruba acordos e funda finais.



Roberto Curi Hallal

